

INTERFACE ENTRE A PSICOLOGIA E A TERCEIRA IDADE: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS

Priscila Valverde Fernandes¹

Resumo: Este trabalho apresenta questões relativas a um projeto desenvolvido em um serviço de convivência para idosos, tendo em vista que muitas questões sobre o processo de envelhecimento compunham os discursos que circulavam pelo espaço. Foi pensando nessas inquietações e na busca de significados que se optou pela criação de um grupo terapêutico dentro desse serviço. A Psicologia, de modo geral, tem desenvolvido atividades de grupo, visando a oferecer um espaço de fala e discussão, que leva em conta as experiências de cada integrante, trabalhando as vivências e motivações de forma a potencializar a vida dos participantes. Como processo e produto desse grupo criado, foi produzido um Informativo no Centro de Convivência da Terceira Idade de Jardim Camburi. Esse informativo, cujo nome escolhido pelos participantes do grupo foi *Com Vivência*, colocou-se como um disparador das questões que permeavam o cotidiano dos idosos. Para essa produção, todos os integrantes do grupo participavam ativamente, que fazia com que discussões naquele espaço fossem ressignificadas e materializadas por meio da escrita de cada matéria do informativo. Essa estratégia contribuiu para estimular a autonomia e fazer com que eles se tornassem cada vez mais protagonistas de suas histórias na medida em que eles eram os autores e responsáveis pelo informativo.

Palavras-chave: Idoso. Terapia de Grupo. Experiências de Vida.

INTERFACE BETWEEN PSYCHOLOGY AND THE THIRD AGE: STORIES, MEMORIES, AND EXPERIENCES

Summary: This paper presents issues related to a project developed in service of living for the elderly, given that many questions about the aging process composed speeches that circulate throughout society. It was due to these concerns and the search for meaning that was created a therapeutic group within that service. Psychology, in general, has developed group activities aimed to offer space to talk and discuss, which takes into account the experiences and motivations in order to enhance the lives of participants. As process and product of this group, a newsletter was created for Living Center for Senior Citizens in Camburi Garden. This pamphlet, whose name chosen by group participants was *With Living*, stood as trigger of the issues that permeated the daily lives of the elderly. For this production, all group members actively participated, which made discussions that were ressignified and materialized through writing each informative matter. This strategy contributed to encouraging autonomy and cause them to become increasingly in charge of themselves as they were the authors of the pamphlet.

Keywords: Elderly. Group Therapy. Experiences of Life.

¹ Priscila Valverde Fernandes, e-mail: privalverde@hotmail.com, Psicóloga, Mestre em Psicologia Institucional – UFES, Doutoranda em Psicologia Social – UERJ, Doutoranda visitante na Universidade de Coimbra; Agência de fomento: CAPES.

Introdução

Este relato de experiência refere-se a um processo duplo de trabalho, o primeiro de construção e fortalecimento do trabalho do psicólogo junto ao idoso em um serviço de convivência, denominado Centro de Convivência da Terceira Idade; e o segundo, de atuação, no sentido de ouvir, significar e trabalhar as diversas questões que eram cotidianamente levantadas pelos próprios usuários do serviço.

Questões diversas compunham muitos dos discursos que circulavam pelo espaço, tais como: O que significa falar e não ser ouvido? Ou o que quer dizer não conseguir se adequar ao mundo tão tecnológico e com relações tão descartáveis? Ou, ainda, como lidar com perdas num prazo tão curto de tempo? O que realmente significa envelhecer? Foi pensando nessas inquietações e nessa busca de significados que foi criado um grupo terapêutico dentro do Centro de Convivência da Terceira idade de Jardim Camburi (CCTI-JC), em Vitória no Estado do Espírito Santo.

O Centro de Convivência da Terceira Idade compõe um grupo de serviços da Gerência de Serviços de Convivência e Fortalecimento Vínculos da Secretaria Municipal de Assistência Social, responsável exclusivamente por um segmento, o idoso. Ele é um dos quatro Centros do Município de Vitória. Atende pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e tem por objetivo a convivência e fortalecimento de vínculos familiares e comunitário. Considera-se que por meio da socialização o idoso passa a ser um elemento participativo e ativo, melhorando o convívio social no próprio Centro de Convivência, na família e comunidade.

Os centros de Convivência têm como finalidade promover a sociabilidade do idoso, possibilitar a sua

independência e conscientizá-lo de suas possibilidades criativas e intelectuais. Deve proporcionar meios para que ele encontre satisfação pessoal, evitando sua marginalização social.

Espaços como os Centros de Convivência estão previstos em lei e desempenham um importante papel de mediador para que pessoas da terceira idade possam desfrutar de um bom convívio social. Esses Centros têm contribuído para mudanças nos hábitos dos idosos, fato esse avaliado por meio de pesquisa de satisfação do usuário participante desse serviço, na qual descreve melhorias globais em sua vida, que vão desde a alimentação, passando pela saúde até o aumento do círculo de amizade.

De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) (2004), os Centros de Convivência são serviços de Proteção Social Básica de Assistência Social, pois potencializam a família como unidade de referência, fortalecendo os vínculos internos e externos de solidariedade por meio do protagonismo de seus membros e da oferta de um conjunto de serviços locais que visam à convivência, à socialização e ao acolhimento em famílias cujos vínculos familiar e comunitário não foram rompidos. Ou seja, o objetivo é contribuir para a prevenção de situações de risco social, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitário.

O Centro de Convivência fundamenta-se, também, na Política Municipal do Idoso (Lei nº 6.043/2003), e o método proposto nos Centros de Convivência oportuniza à pessoa idosa maior integração social, trabalhando o senso crítico acerca de seus direitos, sua realidade, suas capacidades e potencialidades, além de uma participação efetiva na sociedade,

por meio de atividades físicas, cognitivas e culturais.

De acordo com os objetivos do serviço, o desenvolvimento da proposta pedagógica acontece por meio de cursos e oficinas estimulando a autoconfiança, a socialização e, até mesmo, a geração de renda informal. Essas atividades são acompanhadas por meio de vários incentivos, tais como: palestras educativas, oficinas pedagógicas, eventos, encontros familiares; atividades esportivas; comemoração de datas importantes e por meio de atividades regulares no Centro como oficinas de atividades físicas e cognitivas. O CCTI-JC tem em seu cadastro mais de mil idosos inseridos nas atividades locais. Contam com mais de 30 modalidades de oficinas e 84 turmas divididas em atividades cognitivas e físicas.

Nesse espaço onde o público é composto por pessoas da terceira idade, faz-se necessário discutir o processo de envelhecimento e suas peculiaridades na sociedade atual. Depara-se, constantemente, com um labirinto de exigências e de pressa, de culpas e de alienação na qual se perde o idoso que percebe, cruelmente, que o mundo que ele vive não foi feito para ele. No fim de um longo e penoso processo de perda da capacidade funcional começam os comentários, os lugares comuns repetidos incansavelmente para aliviar as culpas. Ao mesmo tempo não se pode deixar de mencionar que o envelhecimento é, além de um fenômeno histórico, uma conquista da humanidade que, por conta de diversas mudanças e avanços, tem prolongado cada vez mais a expectativa de vida de homens e mulheres.

Espaço da fala: um espaço de construções

Segundo Berzins (2003), o envelhecimento vem acompanhado de significativas transformações

demográficas, biológicas, sociais, econômicas e comportamentais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera o envelhecimento populacional como uma história de sucesso das políticas de saúde, públicas e sociais e, portanto, a maior conquista e triunfo da humanidade no último século. A grande questão que se coloca é no sentido de executar políticas e programas para um envelhecimento digno e que contemple as necessidades desse grupo etário.

Nesse sentido, entende-se que se lida com um fato novo, e assim, como quase tudo que é desconhecido, é necessário aprender a lidar e quebrar uma série de mitos e preconceitos que rondam o processo de envelhecimento, tanto de quem ainda não se encontra nessas condições como de quem já está usufruindo dessa conquista. Ainda é necessário descobrir ou inventar vantagens da velhice em vez de buscar desmedidamente a eterna juventude por meio dos milagrosos cosméticos, adereços especiais, procedimentos cirúrgicos, tratamentos hormonais, dentre tantos outros artifícios divulgados e vendidos atualmente.

Compreende-se que a velhice é uma etapa da vida que conta com diversas alterações cognitivas, afetivas e sociais, bem como alterações em motivações, interesses, atitudes e valores que são característicos dessa etapa da vida. Nesse sentido, a Psicologia tem desenvolvido atividades de grupo, visando a oferecer um espaço de fala e discussão, que leva em conta as experiências de cada integrante, trabalhando as emoções e motivações de forma a potencializar a vida dos participantes. Enxerga-se o sujeito com suas dificuldades e limites levando em conta o contexto histórico, social e político em que ele está inserido.

Além disso, por conta de relatos e experiências dentro dos Centros, nota-se uma quantidade considerável de

casos de depressão ou a iminência desse quadro. Segundo Stella, Gobbi, Corazza et al. (2002), as causas de depressão no idoso configuram-se dentro de um conjunto amplo de componentes em que atuam fatores genéticos, eventos vitais, como luto e abandono, doenças incapacitantes, entre outros. Cabe ressaltar que a depressão no idoso frequentemente surge em um contexto de perda da qualidade de vida associada ao isolamento social e ao surgimento de doenças clínicas graves.

A depressão nessa faixa etária é comumente negligenciada por se acreditar que se trata de um comportamento comum e esperado na velhice. É por conta desse entendimento equivocado que muitos idosos têm deixado de receber o tratamento adequado.

Sem a pretensão de respostas acabadas, ao aproximar dessa temática objetiva-se trilhar por caminhos que respeitem a singularidade de cada pessoa, sempre levando em consideração seu momento de vida, sem que seja preciso repelir a aceitação da velhice pela incapacidade de se encontrar as belezas e possibilidades inerentes a tal faixa etária.

Alguns caminhos estão sendo construídos a partir do trabalho em grupo, o que tem fornecido a possibilidade de visualizar e acompanhar o desenvolvimento que continua a existir na terceira idade.

No trabalho do Centro de Convivência optou-se pela terapia de grupo. Essa forma de realizar a terapia não é simplesmente uma forma de tratar várias pessoas simultaneamente. O trabalho de mudança, feito em grupo, apresenta características muito interessantes, pois tem como objetivo levar seus participantes a constatarem não serem os únicos com uma determinada problemática, ou, ainda, possibilitar o contato com pessoas com conflitos e dificuldades semelhantes

como a troca de experiências entre os membros do grupo.

A cooperação social é essencial para o bem-estar pessoal. De acordo com Bechelli e Santos (2002), no artigo que discutem sobre psicoterapia de grupo e consideram o participante como agente de mudança, descrevem que a interação é particularmente realizada entre os participantes. São eles próprios que desenvolvem a terapia e rompem o modelo médico, no qual o terapeuta é o *expert*, aquele que está em condições de definir o correto e o errado, e de estabelecer e aplicar o procedimento ou a intervenção. É comum e necessário que os participantes passem a assumir papel ativo no decorrer do processo. A escolha dos assuntos a serem discutidos torna-se responsabilidade dos integrantes do grupo.

Ainda segundo os autores citados, os próprios membros devem encontrar auxílio entre si, ficando implícito que qualquer um poderá se manifestar, permitindo-se a espontaneidade dos participantes. É nesse ambiente de protagonismo e autonomia que atuam estabelecendo diálogo, escutando de forma empática, formulando perguntas que estimulam o esclarecimento do assunto e, concomitantemente, reflexão e análise sob diferentes perspectivas. O trabalho em grupo carrega uma riqueza imensurável, pois os participantes oferecem entre si recursos diversos: informações, ideias, interpretações, apoio, *feedback*, conselhos, sugestões de estratégias e procedimentos. E cada um, na sua condição peculiar, estabelece a direção que lhe seja mais produtiva.

No Centro de Convivência de Jardim Camburi, local onde o trabalho se efetivou, foi sugerido pela psicóloga do serviço, a partir das necessidades que surgiam a todo instante, a criação de um grupo terapêutico chamado *Espaço da Fala*. Assim, o grupo começou a

funcionar e a cada encontro diversas histórias transitavam por aquele espaço. Histórias de angústias, perdas, lutos, mas também de superação. Cada vez mais o grupo se consolidava e fortalecia o vínculo entre os membros participantes.

Entretanto, o grupo precisava ultrapassar as quatro paredes da sala em que o grupo se reunia. A riqueza das histórias não poderia se restringir àquele espaço. As histórias de superação precisavam ser compartilhadas e, de forma ética, divulgadas para que outros pudessem buscar identificação e força naqueles relatos tão intensos. O grupo sempre destacava que aqueles encontros “não deveriam ser só deles, mas de todos”. A partir dessa experiência e ouvindo de forma sensível o que eles falavam nas entrelinhas foi proposta a criação de um informativo, uma espécie de jornal que pudesse exprimir as histórias e memórias daquele grupo que vinha se reunindo. Além disso, a ideia era também fazer com que eles se tornassem cada vez mais autônomos naquele processo.

O grupo ouviu a proposta de forma bastante receptiva e começou a confeccionar o informativo. Assim, passou a ser produzido bimestralmente um informativo do CCTI-JC, cujo nome escolhido pelos participantes do grupo foi *Com Vivência*, colocando-se como um disparador das questões que permeavam o cotidiano dos idosos.

No processo de produção do Informativo todos os integrantes do grupo participavam ativamente, o que fazia com que as discussões naquele espaço fossem ressignificadas e materializadas por meio da escrita de cada matéria do informativo. Essa estratégia estimulava a autonomia e fazia com que cada vez mais eles se tornassem protagonistas de suas histórias à medida que eles eram os autores e responsáveis pelo informativo.

Objetivos

A realização do Grupo Terapêutico e a construção do informativo tiveram como objetivo geral oferecer um espaço de socialização, convivência e troca de experiências dentro do Centro de Convivência, além disso, de forma secundária, havia a necessidade de fortalecimento da prática da psicologia no serviço.

Os objetivos específicos eram: a) oportunizar o conhecimento de histórias semelhantes à sua, o sujeito descobre que não é o único a viver o problema, o que pode acelerar seu processo de melhora; b) estimular a memória em todos os níveis, despertar interesses e novas habilidades; c) disponibilizar ao grupo um espaço para ouvir os depoimentos de outros sobre um problema que, em muitos casos, é igual ao seu e pode levá-lo a se distanciar do seu drama e, assim, encontrar uma saída criativa; d) produzir um Informativo do CCTI-JC que circulasse pelo Centro e pela comunidade na qual ele estava inserido com a finalidade de divulgação das atividades oferecidas pelo serviço; e) dar visibilidade ao trabalho do psicólogo no serviço, mostrando a importância de sua atuação em contextos diferentes do *setting* terapêutico.

Referencial Teórico

Esse espaço de atividades em grupo teve como intuito estimular a potência de vida dos participantes no sentido de sair de um estado muitas vezes de dormência, ou, ainda, de reescrever a própria história. Não era trabalhado o termo autoestima, pois se compreendia que a subjetividade é um conceito que vai além da ideia identidade do sujeito. Esse conceito, em diversos momentos, culpabiliza apenas o sujeito pelas suas dificuldades e fracassos sem levar em conta o contexto

histórico, social e político que ele está inserido.

Foram conhecidas e analisadas essas histórias e assim tomou-se contato com as práticas sociais que permitiram entender a emergência dessas formas de subjetividade. Entende-se subjetividade não como personalidade ou algo próprio do sujeito, mas como o que é produzido historicamente e resulta de certos jogos de forças. A subjetividade encontra-se constantemente produzida por “[...] instâncias individuais, coletivas e institucionais” (GUATTARI, 1992, p. 11), sem que haja qualquer hierarquia entre elas.

O referencial teórico utilizado é permeado por pressupostos foucaultianos, sendo assim, é entendido que cada história, por mais que seja considerada pessoal, fala de construções histórico-sociais, seja o ser mãe, mulher, homem, idoso, etc. O que é sentido e vivenciado por cada um não é algo natural, inato, imutável, é algo que, por se tratar de uma construção, é passível de mudanças.

Nesse espaço, passou-se a interpelar as teorias totalizantes, as verdades que atravessam e constituem práticas e sujeitos, seus regimes de verdades que se forjam nas organizações e nas relações socioinstitucionais, diante de uma realidade complexa e múltipla que nos constitui. Os regimes de verdade, pelo viés foucaultiano, são as normas e regras produzidas pelas práticas sociais, como o Bem e o Mal, definindo, assim, a “normalização” da vida na sociedade (FOUCAULT, 1974). Propôs-se buscar uma concepção de homem que represente outras formas de construção de conhecimento ao colocar em xeque a noção de neutralidade do espaço terapêutico.

Nesse sentido, a proposta era de problematizar as cristalizações que atravessavam a todos e os constituíam como sujeitos dos especialismos,

formados pelos discursos universalizantes e pretensamente únicos, pautados nas especializações que isolam os profissionais e fragmentam seus trabalhos.

Coimbra (1988) discute sobre os especialismos técnico-científicos afirmando que esses discursos fazem com que os indivíduos considerem a própria vida desprovida de sentido, quando não obedecem às prescrições desses profissionais. Esse sentimento de incompetência é ainda reforçado diante do desconhecimento de como esse saber foi produzido. Nesse sentido, acreditam que, como não possuem esse conhecimento, tido como competente, não terão direito a expressar suas opiniões, dúvidas ou indignações. Costa (1999) também trabalha com a ideia de que esses discursos científicos produzem verdades dotadas de poder que determinam como se deve sentir, falar, vestir, pensar e viver.

No trabalho com o idoso discute-se muito sobre a construção da autonomia, o grupo terapêutico em sua proposta também busca essa construção e fortalecimento, entretanto, compreende-se esse conceito de forma ampliada e não apenas no sentido de independência. Compartilha-se a ideia de Campos (2006), onde tal é entendido não como valor absoluto e nem como estado estático, mas como processo dinâmico que implica perdas ou aquisições sempre gradativas. A autonomia se dá na construção do sujeito, com capacidade de se autoperceber e perceber o outro em sua dimensão individual e coletiva, atravessada pela criatividade e realização de solidariedade. No processo de construção de autonomia cria-se um espaço para negociações e pactuações das questões que se colocam.

Outro conceito que é trazido à discussão é o de protagonismo, baseando-se na etimologia da palavra

Protagonismo (*Proto* = principal, primeiro; *agon* = luta; *agonistes* = lutador), considera-se protagonista um ser que atua diretamente no processo de desenvolvimento pessoal e de transformação da sua própria realidade assumindo um papel central, ou seja, de ator principal. De forma específica no contexto de discussões sobre o idoso, compreende-se a capacidade de interferir, de forma ativa, construtiva e solidária no processo de identificação e minimização dos problemas reais nessa faixa etária, em sua família, comunidade e, conseqüentemente, na sociedade.

Metodologia do Trabalho

Foram utilizados alguns elementos como dispositivos para estimular a fala dentro do grupo como citações, poesias, revistas, música, textos literários e materiais dessa mesma natureza trazidos pelos integrantes do grupo. A Psicologia proporcionou facilitar esse grupo fazendo uma escuta ativa das falas que circulam pelo grupo. A escuta do outro não requer só a presença de um emissor e um receptor de mensagens.

Nas entrelinhas das palavras há uma infinidade de elementos que estão fluando e o psicólogo é formado para captá-los e desmembrá-los e devolvê-los ao emissor para que compreenda melhor suas questões. Captar os elementos flutuantes das palavras, gestos e atitudes daqueles que estão se expressando é uma ferramenta terapêutica no sentido mais amplo desta palavra, ou seja, tem representatividade nas resoluções dos problemas cotidianos das pessoas gerando descobertas e ampliando a consciência por meio do processo comunicacional.

Além da escuta, eram feitas, dentro do grupo terapêutico, intervenções durante as falas e reações que surgiam. Esse processo de intervir não se dava como uma intromissão ou

ingerência, mas no sentido de *vir entre*, como sinônimo de mediação e apoio cooperativo. Eram discutidas, também, temáticas que surgiam a partir da demanda do grupo como: depressão, relacionamentos familiares, o processo de envelhecer, aposentadoria, sexualidade, morte, dentre outras.

Foi estabelecido um contrato verbal acordado entre os participantes para manter sigilo de tudo o que fosse falado dentro do grupo, preservando assim a liberdade nesse espaço. Caso houvesse necessidade de que um dos participantes tivesse um atendimento individualizado, eram realizados encaminhamentos, e este não era excluído do grupo, mas, por vezes, era necessário o acompanhamento de outros profissionais. Saíam do grupo apenas experiências e histórias que tinham sido incluídas no Informativo.

Poderiam participar do grupo todos os idosos frequentadores do Centro interessados, ou, ainda, casos avaliados e encaminhados pela equipe psicossocial. O grupo acontecia semanalmente com duração máxima de uma hora e meia em uma sala do Centro de Convivência de Jardim Camburi.

A produção do jornal era semanal e acompanhava o ritmo do grupo, porém sua publicação era bimestral. A cada encontro os idosos eram estimulados a trazer ideias e temas que lhes interessassem. Todos os encontros e fora deles também, os participantes traziam materiais e notícias, piadas, citações, história, fotos, receitas para serem incluídos no informativo.

Durante as reuniões eram lidos e discutidos temas e dos materiais trazidos eram selecionados aqueles considerados por eles mais interessantes para serem publicados no jornal. Como “tarefa de casa” estimulava-se a escrita de textos e poesias dos participantes para a composição do jornal, com o

objetivo de ampliar as atividades para além daquele espaço instituído.

O jornal era todo produzido pelos idosos, desde a escolha do tema até a formatação e revisão do mesmo. Quando alguém, exterior ao grupo, sugeria notícias, temas ou textos, a sugestão era levada ao grupo para que este decidisse como o material seria utilizado. O grupo, além de participar de todas as partes da produção, também era quem divulgava e buscava apoio para a divulgação e impressão do jornal.

Para a execução desse trabalho, contava-se com o apoio da equipe psicossocial e da coordenação do Centro de Convivência que incentivava o trabalho a cada semana de produção, além de encaminharem os demais idosos para participarem do grupo. O perfil dos participantes era diverso, era composto por homens e mulheres que tinha entre 59 e 93 anos, variado grau de escolaridade que ia de pessoas que tinham desde o Ensino Fundamental incompleto até o ensino superior em Jornalismo.

O informativo tinha uma seção fixa que se chamava “*Cada um tem uma história para Contar*”; nessa seção, a cada edição do jornal um participante compartilhava sua história com o grupo. O grupo ouvia e fazia perguntas para compreender melhor a história, a partir daí a psicóloga responsável pelo grupo transcrevia a história e levava novamente para leitura e aprovação do grupo na próxima reunião. O protagonista da história relia também observando se havia alguma incoerência. Essa seção se colocava como muito importante, pois organizava a história do sujeito e o fato de ser publicada fazia com que esse participante se sentisse valorizado e realmente protagonizando os acontecimentos de sua vida. Além dessa seção, todo o jornal era lido e relido pelo grupo ao longo de sua produção para garantir que o informativo fosse

algo realmente produzido pelos integrantes do grupo.

O jornal era divulgado e distribuído virtualmente por meio de grupos de e-mails do Centro de Convivência e dos participantes. A rede socioassistencial que recebia o informativo reconhecia a importância e valorizava a feitura do material. Já a versão impressa era realizada no próprio Centro com algumas dificuldades, pois não foi possível receber apoio para a impressão do material, sendo assim não era produzido em grande escala, produzia-se cerca de 300 cópias impressas em preto e branco. A meta era sempre de aumentar o número de exemplares e buscar cada vez mais participantes para o grupo.

Resultados

Os resultados podem ser divididos em dois grupos, o primeiro que se percebia a melhoria de vida dos participantes e outro do grupo pela publicação do jornal que cumpria o seu objetivo terapêutico, e que ainda fazia o papel de divulgação do Centro no bairro onde ele se situava e de suas atividades para outros idosos.

O trabalho rompe com a forma tradicional do grupo terapêutico, onde, em alguns casos, alguns dos participantes sentem-se inibidos em compartilhar suas vivências. Com a produção do jornal se veem envolvidos nessa tarefa e se tornam organizadores daquele espaço e, conseqüente e gradativamente, de suas próprias vidas.

O grupo fortalecia-se a cada encontro, fazendo com que a cada dia e a cada matéria sugerida muitas questões do cotidiano se colocassem em discussão.

As atividades do grupo se colocaram como uma forma de partilhar sentimentos que são coletivos, sem desviar a sua atenção para outras ideias, mas deixando que as palavras fluíssem de forma natural produzindo ainda algo

que foi muito além de um espaço de lamentação, mas sim de produção de vida.

Em síntese, pode-se dizer que o recorte feito para a apresentação do referido trabalho constitui-se em um processo infinito, de múltiplos olhares e dizeres, certamente, quando se depara com um projeto de criação. Trata-se de um processo complexo mergulhado e atravessado por processos terapêuticos individualizados focados em modelos universais, naturalizados na vida social dos idosos que necessitam ser contestados e resistidos a cada dia, a cada vivência e a cada encontro do grupo.

Espera-se que compartilhar tais experiências contribua com o trabalho de grupo e o trabalho do psicólogo voltado para o idoso. Tal trabalho pretende, também, estimular o aprofundamento temático da prática da psicologia e a produção científica dentro dos serviços socioassistenciais, além de promover a troca de experiências de saber entre as diversas áreas.

Referências

BEHELLI, Luiz Paulo de C.; SANTOS, Manoel Antônio (2002). Psicoterapia de grupo e considerações sobre o paciente como agente da própria mudança. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 10, n.3 .

BERZINS, Maria Anselmo Viana da Silva (2003). Envelhecimento populacional: uma conquista a ser celebrada. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano XXIV, n. 75, Edição Especial.

BRASIL. Política Nacional de Assistência Social de 2004. Brasília. Disponível em: <<http://www.sedest.df.gov.br/sites/300/382/00000877.pdf>> Acesso em: 29 jan. 2012.

CAMPOS, Gastão Wagner. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão (2006).

Em: CAMPOS, G. W. S.; MINAYO, M. C. S.; AKERMAN, M. et al. (Orgs). **Tratado de saúde coletiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

COIMBRA, Cecília (1995). **Guardiões da ordem**: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”. Rio de Janeiro: Oficina do Autor.

COSTA, Jurandir Freire (1999). **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel (1974). As verdades e as formas jurídicas. **Cadernos da PUC-Rio**, Conferências I e II.

GUATTARI, Felix (1992). **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA/ES. **Lei n. 6.043, de 22 de dezembro de 2003**. Dispõe sobre a política municipal do idoso e dá outras providências. Vitória, 2003. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/cgi-local/showinglaw.pl>> Acesso em: 29 jan, 2013.

STELLA, Florindo; GOBBI, Sebastião; CORAZZA, Danilla Icassatti et AL (2002). Depressão no idoso: diagnóstico, tratamento e benefícios da atividade física. **Revista Motriz**, Rio Claro.

RELACIÓN ENTRE LA PSICOLOGÍA Y LA TERCERA EDAD:

Historias, recuerdos y experiencias

Resumen: Este artículo presenta temas relacionados con un proyecto

desarrollado en un servicio de vida de las personas mayores (ancianas), dado que muchas preguntas sobre el proceso de envejecimiento, compuestos discursos que circularon a través del espacio. Fue pensando en estos problemas y en la búsqueda de significados que se eligió para la creación de un grupo terapéutico dentro de ese servicio. La psicología, en general, ha desarrollado actividades de grupo dirigidas a ofrecer un espacio para el diálogo y la discusión, que tiene en cuenta las experiencias de cada miembro, trabajando experiencias y motivaciones de trabajo con el fin de mejorar la vida de los participantes. Como proceso y producto de este grupo creado, fue producido un boletín en el Centro de Vida para la Tercera Edad Jardín Camburi. Este informativo, cuyo nombre elegido por los participantes del grupo fue *Con la Experiencia*, se puso como un disparador de los temas que impregnaron la vida cotidiana de las personas ancianas. Para esta producción, todos los miembros del grupo participaron activamente, convirtiéndose las discusiones en aquel espacio en resignificadas y materializadas a través de la escritura de cada cuestión del informativo. Esta estrategia ha contribuido a fomentar la autonomía y hacer que cada vez más protagonistas de sus historias en la medida en que ellos fueron los responsables de los autores y informativo.

Palabras clave: Ancianas. Autonomía. Terapia de grupo. Experiencias de la Vida.